

SARA ARIANA FERNANDES DE SOUSA

**PSICOPATOLOGIA, CRENÇAS SOBRE VIOLÊNCIA
SEXUAL E DIFICULDADES DE REGULAÇÃO
EMOCIONAL EM INDIVÍDUOS SEXUALMENTE
AGRESSIVOS: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DOS GÊNEROS
MASCULINO E FEMININO**

Orientador: Prof.º Dr.º Nélio Brazão

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

LISBOA

2021

SARA ARIANA FERNANDES DE SOUSA

**PSICOPATOLOGIA, CRENÇAS SOBRE VIOLÊNCIA
SEXUAL E DIFICULDADES DE REGULAÇÃO
EMOCIONAL EM INDIVÍDUOS SEXUALMENTE
AGRESSIVOS: ESTUDO COMPARATIVO ENTRE
ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS DOS GÊNEROS
MASCULINO E FEMININO**

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 20/12/2021, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação nº 343/2021, com a seguinte composição:

Presidente: Prof.^a Dr.^a Carolina da Motta

Arguente: Prof.^a Dr.^a Ana Rita Cruz (ULHT)

Orientador: Prof.^o Dr.^o Nélio Brazão

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Escola de Psicologia e Ciências da Vida

LISBOA

2021

Sara Ariana Fernandes de Sousa

Psicopatologia, crenças sobre violência sexual e dificuldades de regulação emocional em indivíduos sexualmente agressivos: Estudo comparativo entre estudantes universitários dos géneros masculino e feminino

Esta dissertação foi realizada no âmbito do Projeto
“FEMOFFENCE – O mito da inocência: Uma abordagem
mista para a compreensão da violência sexual perpetrada
por mulheres” (PTDC/PSI-GER/28097/2017)

FCT Fundação para a Ciência e a Tecnologia
MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR

Cofinanciado por:



Agradecimentos

Ao aproximar-me do fim deste ciclo enquanto estudante universitária, a palavra que importa destacar é **gratidão**.

À **Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias**, em particular à **Escola de Psicologia e Ciências da Vida**, o meu **obrigada** por ter sido a minha casa ao longo destes 5 anos e por ter sido palco de alguns dos momentos mais marcantes da minha vida.

Ao **Professor Doutor Nélio Brazão**, o meu **muito obrigada** por todas as partilhas e aprendizagens ao longo dos últimos anos. **Obrigada** pela sua compreensão, disponibilidade e apoio enquanto orientador desta dissertação, e por me ter incentivado sempre a fazer melhor. Levarei os seus ensinamentos para a vida.

A **todos os profissionais** com quem tive o prazer de privar, o meu **sincero obrigada** por terem contribuído para a minha formação com partilha de vivências e conhecimentos variados. **Obrigada** por me terem motivado a querer ser uma profissional de excelência e por terem alimentado a minha paixão por esta área tão especial, a da Psicologia.

A **todos os meus colegas**, sem exceção, o meu **obrigada** por todos os momentos partilhados e por terem tornado o meu percurso académico muito mais bonito. Obrigada pela união, pelo trabalho realizado como uma verdadeira equipa, mas acima de tudo, pelos tão necessários momentos de descontração.

À **Alix Vieira**, a melhor pessoa que a universidade me deu, o meu **muito obrigada**. **Obrigada** pela amizade sincera desde o primeiro dia e por teres estado ao meu lado em todos os momentos deste percurso. **Obrigada** pelo apoio, por todas as conversas e por todas as aprendizagens, a nível profissional e pessoal – levo-te para a vida. **Obrigada** também por teres alimentado o meu interesse pela área da sexologia, esta dissertação também é para ti!

Às minhas colegas **Andreia Matos, Mariana Silva, Vanessa Peixoto e Andreia Franco**, o meu **obrigada** por toda a ajuda prestada nestes últimos meses. **Obrigada** pela

paciência nos momentos mais stressantes e por terem sempre uma palavra reconfortante e motivadora a dizer. Estamos “quase, quase!”.

Aos **meus amigos de sempre**, o meu **infinito obrigada**. **Obrigada** por acreditarem tanto em mim e estarem sempre disponíveis para ajudar em tudo o que preciso. **Obrigada** também por compreenderem a minha ausência nos momentos de trabalho mais árduo na universidade, e por nunca me deixarem desistir.

Por fim, mas em primeiro lugar, o meu **eterno obrigada** à minha **família**. À minha companheira de todas as horas, **Joana Oliveira**, o meu **eterno obrigada** por tudo! Obrigada pelo companheirismo, por seres a minha fonte inesgotável de apoio e motivação em todos os momentos, por acreditares tanto em mim e me fazeres querer sempre mais e melhor. Obrigada pela paciência e reconforto nos momentos de maior ansiedade, por estares ao meu lado em todas as madrugadas de trabalho árduo (mesmo quando tinhas de fazer urgência no dia seguinte) e por reveres pacientemente cada secção desta dissertação todas as mil vezes que te pedi que o fizesses. Aos **meus pais**, o meu **eterno obrigada** por lutarem todos os dias comigo e por mim. À minha **mãe**, obrigada por todo o colo e por todas as palavras carinhosas e motivadoras quando eu mais precisei. Ao meu **pai**, obrigada por todo o apoio e por queres sempre o melhor para mim.

A todos vós,

Muito obrigada!

Resumo

O presente estudo procurou investigar a prevalência de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitários de ambos os géneros, e as diferenças entre homens e mulheres sexualmente agressivos no endosso de sintomas psicopatológicos, de crenças/mitos sobre a violência sexual (VS), e nas dificuldades de regulação emocional. A amostra foi composta por 546 estudantes universitários heterossexuais, dos géneros masculino e feminino. Verificou-se que o género masculino (44.5%) recorreu mais a estratégias sexualmente agressivas do que o género feminino (30.2%), nomeadamente no que diz respeito à Coação Sexual e à Força Física, não tendo sido observadas diferenças significativas no que concerne ao Abuso Sexual em função do género. As mulheres sexualmente agressivas endossaram mais sintomas psicopatológicos e mais dificuldades de regulação emocional, enquanto os homens sexualmente agressivos endossaram mais crenças legitimadoras de VS. Com base nestes resultados, revela-se pertinente a implementação de programas de prevenção e intervenção em contexto universitário, focados no bem-estar e saúde mental, na regulação emocional e nas crenças/mitos sobre VS.

Palavras-chave: Crenças sobre VS, Estudantes universitários, Regulação emocional, Sintomas Psicopatológicos, Violência Sexual.

Abstract

The aim of this study was to investigate the prevalence of sexually aggressive behaviors among college students of both genders, and the differences between sexually aggressive men and women in the endorsement of psychopathological symptoms, rape myths, and emotional regulation difficulties. The sample consisted of 546 heterosexual male and female college students. Findings revealed that men (44.5%) resorted to more sexually aggressive strategies than women (30.2%), namely Sexual Coercion and Physical Force. No significant differences between men and women were found regarding Sexual Abuse. It was also found that sexually aggressive females endorsed more psychopathological symptoms and more emotional regulation difficulties, while sexually aggressive males endorsed more rape myths. These results stress the need to implement prevention and intervention programs in college campuses, with a focus on well-being and mental health, emotion regulation, and rape myths.

Keywords: College students, Emotion Regulation, Psychopathological symptoms, Rape myths, Sexual violence.

Lista de abreviaturas e siglas

APAV – Associação Portuguesa de Apoio à Vítima

BSI - *Brief Symptom Inventory* (Inventário de Sintomas Psicopatológicos)

CEDIC - Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica

DERS – *Difficulties in Emotion Regulation Scale* (Escala de Dificuldades de Regulação Emocional)

ECVS – Escala de Crenças sobre Violência Sexual

EPCV – Escola de Psicologia e Ciências da Vida

FR – Fatores de Risco

SABS - *Sexually Aggressive Behavior Scale* (Escala de comportamentos sexualmente agressivos)

ULHT – Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

VS – Violência Sexual

WHO - *World Health Organization* (Organização Mundial da Saúde)

Índice Geral

Introdução	12
1. Violência sexual: conceito, prevalência e impacto.....	12
2. Fatores de risco para a VS	14
2.1. Psicopatologia.....	15
2.2. Crenças/mitos sobre VS	16
2.3. Dificuldades de regulação emocional.....	18
3. Objetivos e Hipóteses	20
Metodologia.....	21
1. Participantes	21
2. Instrumentos	23
2.1. Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos	23
2.2. Inventário de Sintomas Psicopatológicos	23
2.3. Escala de Crenças sobre Violência Sexual	24
2.4. Escala de Dificuldades de Regulação Emocional.....	25
3. Procedimentos de Investigação	26
4. Procedimentos de análise de dados	27
Resultados	28
1. Prevalência de comportamentos sexualmente agressivos	28
2. Diferenças entre os géneros nas variáveis dependentes	30
2.1. Sintomas psicopatológicos	30

2.2. Crenças sobre Violência Sexual	31
2.3. Dificuldades de Regulação Emocional	32
Discussão	33
Referências	40

Índice de Quadros

Quadro 1

Caraterização sociodemográfica da amostra	20
---	----

Quadro 2

Prevalência dos comportamentos sexualmente agressivos	27
---	----

Quadro 3

Análise univariada: diferenças entre os géneros para os sintomas psicopatológicos	28
---	----

Quadro 4

Análise univariada: diferenças entre os géneros para as crenças sobre violência sexual	29
--	----

Quadro 5

Análise univariada: diferenças entre os géneros para as dificuldades de regulação emocional	30
---	----

Introdução

1. Violência sexual: conceito, prevalência e impacto

A violência sexual (VS) pode ser definida como sendo qualquer tentativa e/ou ato sexual consumado contra um indivíduo que seja impedido (e.g., devido a ameaças verbais ou agressões físicas) ou incapaz (e.g., devido à idade ou por motivos de saúde) de dar o seu consentimento (Basile et al., 2014), podendo envolver comportamentos tais como: toques sexuais não desejados; penetração ou tentativa de penetração vaginal e/ou anal não consentida com o pénis, outra parte do corpo ou objetos; sexo oral não consentido; comentários de cariz sexual não desejados ou prostituição forçada (WHO, 2014). De modo a perpetrar tais comportamentos, os indivíduos sexualmente agressivos podem recorrer a estratégias *hands-on* e/ou *hands-off*. As estratégias *hands-on* envolvem o uso da força física (e.g., ameaça e/ou uso da força física ou de armas), ao contrário das *hands-off* que consistem em abordagens de natureza psicológica, como a coação sexual (e.g., pressão verbal, chantagem psicológica ou ameaças) e o abuso sexual (i.e., recurso a uma posição de poder ou de autoridade, por exemplo, através da intoxicação alcoólica da vítima) (Carvalho et al., 2018; Carvalho & Sá, 2020).

A perpetração da VS tem sido associada, sobretudo, ao género masculino (Campbell et. al, 2021; Budd, 2017; Steele et. al, 2020), levando a maioria da literatura a focar-se neste género enquanto agressor e no género feminino enquanto vítima (Carvalho et al., 2018; Tomaszewska & Krahé, 2018). No entanto, este fenómeno pode ocorrer em diversos contextos, independentemente do género, faixa etária, etnia, cultura, religião, estatuto socioeconómico ou habilitações literárias dos envolvidos (Ramos, 2019), podendo ambos os géneros desempenhar o papel de agressor e de vítima (Mota, 2020; Scarduzio et. al, 2017; Turchik & Edwards 2012). Existem, todavia, grupos que apresentam uma maior vulnerabilidade face à vitimação e à perpetração sexual, como os jovens adultos (Black et. al, 2011; Sinozich & Langton, 2014) e as mulheres com elevadas habilitações literárias e pertencentes a amostras comunitárias

(Bhochhibhoya et al., 2019; Zinzow & Thompson, 2015). Tendo em conta as taxas de prevalência significativas de VS em contexto universitário – nomeadamente cometida por mulheres contra homens (e.g., Carvalho et. al, 2018) -, os estudantes parecem ser particularmente vulneráveis quer à vitimação, quer à perpetração de VS (Anderson et al. 2019; Brennan et al., 2019; Carvalho et. al, 2018).

Embora a perpetração de VS possa ser cometida por ambos os géneros, os homens parecem recorrer mais a estratégias sexualmente agressivas do que as mulheres (APAV, 2019; Campbell et. al, 2021; Martin et al., 2020), tal como observado num estudo recente com amostras de países europeus (Krahé et al., 2015), em que 16.3% dos participantes do género masculino já haviam recorrido a este tipo de estratégias, comparativamente a 5.0% do género feminino. O mesmo se observa em contexto universitário (e.g., Schuster et al., 2016), tal como demonstrado por um estudo com uma amostra da Polónia (Tomaszewska & Krahé, 2018), em que 11.7% dos participantes do género masculino já tinham perpetrado comportamentos sexualmente agressivos, comparativamente a 6.5% das participantes do género feminino. Em Portugal, dois estudos realizados com estudantes universitários (Martins, 2013) apresentaram resultados semelhantes, com a maioria dos estudantes com comportamentos sexualmente agressivos a ser do género masculino.

No que concerne especificamente ao contexto universitário, os estudantes - independentemente do género - parecem recorrer maioritariamente a estratégias *hands-off* (Carvalho & Nobre, 2016; Carvalho et al., 2018), sendo a coação sexual a estratégia mais prevalente (Fedina et. al, 2016; Sá, 2016), seguindo-se o abuso sexual e a força física (Carvalho et al., 2018). No entanto, as mulheres recorrem menos à força física do que os homens (Bouffard et al., 2016; Krahé et al., 2003), embora esta também seja a estratégia menos utilizada por estes (Brennan et al., 2019). Um estudo com estudantes universitários dos Estados Unidos do género masculino (Brennan et al., 2019) observou que 2.1% dos participantes já recorreu à coação

sexual na forma tentada e 4.0% na forma consumada, enquanto 1.5% já tinha recorrido ao abuso sexual na forma tentada e 6.1% na forma consumada. Relativamente ao género feminino, num estudo realizado em contexto universitário português (Carvalho et al., 2018), a estratégia mais utilizada foi a coação sexual (72.3%), seguindo-se o abuso sexual (46.5%) e a força física (13.1%). Mais recentemente, um estudo com estudantes universitárias portuguesas (Pinto, 2019) obteve resultados semelhantes. No entanto, o abuso sexual foi a estratégia mais prevalente (60.4%), seguindo-se a coação sexual (55%) e a força física (10.8%).

A VS representa um problema grave de saúde pública (do Nascimento et. al, 2020) e afeta significativamente diversas áreas da vida dos sujeitos envolvidos, podendo as vítimas apresentar problemas de saúde física (e.g., lesões físicas e infeções sexualmente transmissíveis; Fedina et. al, 2018) e psicológica (e.g., depressão, ansiedade, consumo de substâncias, perturbações alimentares e ideação suicida; Black et. al, 2011; Paquette et. al, 2019), a curto (e.g., medo, confusão, evitamento social) e a longo prazo (e.g., stress pós-traumático) (Eisenberg et. al, 2016). Especificamente, os estudantes universitários vítimas de VS tendem a apresentar uma maior prevalência de sintomas depressivos (Carvalho & Nobre, 2016) e uma maior probabilidade de se envolver em comportamentos de risco (e.g., consumo excessivo de álcool e drogas), de apresentar défices ao nível do seu desempenho académico (Mengo & Black, 2016) e de experienciar revitimação (Bchochhibhoya et. al, 2019; Brazão & Carvalho, 2021; Jordan et. al, 2014).

2. Fatores de risco para a VS

Além da análise das taxas de prevalência de VS e das estratégias sexualmente agressivas utilizadas, é igualmente fulcral investigar os fatores de risco (FR) para a VS, na medida em que estes podem contribuir para a sua origem e manutenção (Carvalho & Nobre, 2013), estando na base do desenvolvimento de teorias acerca das tipologias de agressores sexuais, e sendo, por

isso, cruciais na classificação, tratamento e gestão desta população (Cortoni & Gannon, 2016; Martínez-Catena et al., 2017). Estes fatores podem ser definidos como sendo características pessoais, contextuais ou situacionais que aumentam a probabilidade da VS vir a ocorrer (Carvalho, 2011), podendo ser dinâmicos ou estáticos, dependendo da sua flexibilidade face à mudança. Os FR estáticos não são passíveis de mudança (e.g., história criminal), enquanto os FR dinâmicos podem ser modificados através de intervenções apropriadas (e.g., crenças sobre o comportamento sexual, competências sociais e interpessoais, competências de regulação emocional, dificuldades na resolução de problemas, psicopatologia, impulsividade) (Abbey et al., 2011; Carvalho et. al, 2018). Neste âmbito, a psicopatologia, as crenças/mitos sobre VS e as dificuldades de regulação emocional têm sido apontadas pela literatura como FR dinâmicos relevantes para a VS (e.g., Carvalho et al., 2018).

2.1. Psicopatologia

Diversos autores têm defendido que a VS pode ser utilizada como forma de lidar com eventos stressores, devido às vulnerabilidades psicopatológicas dos agressores (e.g., défices ao nível das estratégias de *coping*; Carvalho & Nobre, 2013; Gannon et al., 2008). Neste sentido, a literatura tem demonstrado que os indivíduos sexualmente agressivos apresentam níveis elevados de psicopatologia (de Oliveira, 2016; Francia et al., 2010). Um estudo com estudantes universitárias portuguesas (Carvalho et al., 2018) demonstrou que, à semelhança do que sucede em amostras comunitárias e forenses do género masculino, as mulheres sexualmente agressivas apresentam níveis significativos de somatização, depressão, obsessões e compulsões, ansiedade, ideação paranóide, sensibilidade interpessoal, hostilidade, ansiedade fóbica e psicoticismo (com a hostilidade a desempenhar um papel mais significativo do que os restantes sintomas psicopatológicos no comportamento sexualmente agressivo). Concomitantemente, um estudo realizado com uma amostra do género masculino demonstrou que não existem

diferenças entre o perfil psicopatológico dos estudantes universitários sexualmente agressivos e os agressores sexuais condenados, ambos apresentando níveis significativos de sintomas psicopatológicos (Carvalho & Nobre, 2019).

Deste modo, não parecem existir diferenças significativas no que concerne à psicopatologia de indivíduos sexualmente agressivos, em função do género ou da amostra (comunitária ou forense). No entanto, estudos recentes com estudantes universitárias portuguesas (Carvalho & Nobre, 2016; Pinto, 2019) não verificaram diferenças significativas entre as participantes sexualmente agressivas e as não agressivas, no que concerne à sintomatologia psicopatológica. Estes resultados sugerem que a psicopatologia pode não desempenhar um papel tão fulcral no género feminino como no género masculino.

2.2. Crenças/mitos sobre VS

A maior predominância de estudos incidentes no género masculino e a menor taxa de casos reportados de VS perpetrada por mulheres podem ser explicadas pela existência de crenças/mitos que percecionam o género feminino como inerentemente cuidador e passivo, e o masculino como agressivo e invulnerável, contribuindo para que o homem seja visto, tendencialmente, como agressor e a mulher como vítima (Budd, 2017; Carvalho & Nobre, 2016; Javaid, 2015). As crenças/mitos sobre VS podem ser definidas como crenças socioculturais erróneas – direcionadas ao agressor, à vítima ou à própria agressão - que legitimam a VS, desculpabilizando o agressor e/ou culpabilizando a vítima (Burt, 1980; Pearson & Barker, 2018), e reduzindo a perceção da VS por parte de ambos, originando assim uma escalada da violência e escassez de denúncias (Pinto, 2019). Estas crenças aparentam ser transversais a diversos grupos, independentemente do contexto social e profissão dos indivíduos (Carvalho & Brazão, 2021; Turchik & Edwards, 2012). Embora a sociedade aparente estar a mudar a sua perceção acerca deste fenómeno (Anderson et al., 2015), alguns mitos continuam a ser bastante

prevalentes, sendo exemplos: “*a maioria das denúncias de VS efetuadas pelas mulheres contra homens são falsas*”, “*os homens não podem ser vítimas de VS*”, “*os homens estão sempre dispostos a ter relações sexuais*”, “*os homens não conseguem funcionar sexualmente a menos que estejam excitados*”, “*se a vítima e o agressor mantiverem uma relação conjugal, então não pode ser considerada VS*”, “*os agressores sexuais são, na sua maioria, desconhecidos da vítima*” (Burt, 1980; Parrat & Pina, 2017). Os mitos referentes à vitimação sexual feminina focam-se, sobretudo, na ideia de culpabilidade da vítima (e.g., a vítima provocou ou mereceu ser agredida), enquanto os referentes à vitimação sexual masculina se focam na ideia errónea de que o homem não pode ser agredido salvo situações e contextos específicos (e.g., contexto prisional; Turchik & Edwards, 2012).

A literatura tem demonstrado, de forma consensual, a existência de uma associação positiva entre este tipo de crenças e a VS (Burt, 1980; Wegner et. al, 2015), sendo que os indivíduos sexualmente agressivos – independentemente do género – tendem a endossar mais crenças/mitos sobre VS (Cortoni & Gannon, 2016; de Oliveira, 2016; Trottier et al., 2019), podendo este padrão ser igualmente observado em contexto universitário (Carvalho & Nobre, 2016; Pinto, 2019). No entanto, no que concerne especificamente ao contexto universitário, os estudantes do género masculino aparentam endossar mais mitos do que os do género feminino (Pearson & Barker, 2018; Ramos, 2019; Walfield, 2018). Esta população tende a considerar a VS por meio de intoxicação da vítima menos socialmente aceite do que a VS com recurso a pressão verbal, e mais socialmente aceite do que o uso da força física (Struckman-Johnson & Struckman-Johnson, 1992), o que pode explicar a elevada prevalência de comportamentos sexuais coercivos em estudantes universitários.

Importa, no entanto, salientar que embora os estudantes universitários possuam crenças legitimadoras da VS, estudos recentes com amostras nacionais (e.g., Martins, 2013; Pinto, 2019; Pires, 2018) demonstram que a maioria desaprova a prática da mesma.

2.3. Dificuldades de regulação emocional

A regulação emocional confere aos indivíduos as competências necessárias para que estes possam responder às exigências provenientes do seu ambiente (Putnam & Silk, 2005), envolvendo a capacidade dos mesmos para compreender as emoções, adaptar-se às exigências do meio e modelar as suas experiências emocionais (Gross & Thompson, 2014). Assim, as estratégias de regulação emocional podem ser definidas como meios através dos quais o indivíduo tenta manter, inibir ou potenciar experiências e expressões emocionais positivas e negativas de forma adaptativa (Robertson et al., 2012).

As dificuldades de regulação emocional têm ganho interesse junto da comunidade científica ao longo dos últimos anos, sendo consensualmente apontadas como fatores predisponentes de diversos sintomas psicopatológicos e problemas de conduta (Silk et. al, 2003). Neste âmbito, tem sido teorizado que a VS pode surgir como resposta a eventos stressantes, numa tentativa de regulação emocional (Shorey et al., 2011), esperando-se que os comportamentos sexualmente agressivos desempenhem uma função homeostática, aliviando a ansiedade e os estados emocionais negativos característicos dos agressores sexuais (Carvalho et al., 2018; Stinson, 2017). Concomitantemente, a literatura tem demonstrado que os indivíduos sexualmente agressivos, independentemente do género, tendem a apresentar mais dificuldades de regulação emocional (e.g., Carvalho et al., 2018; Shorey et. al, 2015), o que pode originar uma perda de controlo que, juntamente com o desejo sexual, pode levar a comportamentos sexualmente agressivos, com o intuito de satisfazer as suas necessidades emocionais (e.g., Craig et al., 2020; Carvalho & Nobre, 2013).

A VS é mais provável de ocorrer se a impulsividade estiver associada a estados emocionais negativos (Shorey et al., 2011; Carvalho & Nobre, 2013), sendo que os agressores sexuais - independentemente do género - apresentam níveis mais elevados de impulsividade (Parkhill & Pickett, 2016) e uma maior prevalência de estados emocionais negativos (Bouffard

et al., 2016). Mais recentemente, alguns autores (e.g., Ward & Beech, 2006) têm argumentado que a VS também pode surgir associada a estados emocionais positivos, numa tentativa de obter gratificação imediata e, conseqüentemente, aumentar estes estados – embora esta hipótese ainda se encontre pouco estudada, carecendo de mais evidência empírica (Carvalho & Nobre, 2013).

A título de exemplo, um estudo com participantes do género masculino (Berke et. al, 2019), observou que os indivíduos com dificuldades de regulação emocional (mais especificamente, ao nível da clareza das emoções) e com um maior índice de impulsividade reportaram mais coação sexual. Embora a literatura incidente no género feminino ainda seja escassa, a mesma sugere que – à semelhança do que acontece com o género masculino – as mulheres sexualmente agressivas também apresentam níveis mais elevados de impulsividade (Pereira, 2015) e mais dificuldades de regulação emocional - nomeadamente associadas a estados emocionais negativos (Cortoni & Gannon, 2016) -, com a maioria a experienciar momentos particularmente stressantes antes de a agressão ocorrer (Gannon et. al, 2010). Alguns autores têm defendido, inclusive, que as mulheres apresentam mais dificuldades de regulação emocional do que os homens, devido a também estarem sujeitas a mais situações stressantes (Nolen-Hoeksema & Aldao, 2011).

No que concerne especificamente ao contexto universitário, um estudo realizado por Veloso e colaboradores (2011) demonstrou não existirem diferenças significativas nas dificuldades de regulação emocional, em função do género, embora as participantes do género feminino tenham pontuado mais em todas as dimensões da *Escala de Dificuldades de Regulação Emocional* (DERS). Mais recentemente, um estudo realizado por LaFrance Robinson e colaboradores (2014) em contexto universitário, demonstrou que o género feminino apresenta mais dificuldades de regulação emocional do que o género masculino, nomeadamente ao nível da clareza emocional, da capacidade para agir de acordo com objetivos e no acesso a estratégias de regulação emocional. Em Portugal, um estudo realizado com estudantes

universitárias (Pinto, 2019), não encontrou diferenças significativas entre as participantes sexualmente agressivas e não agressivas nas dificuldades de regulação emocional, contrariando, assim, a literatura prévia. No entanto, esta divergência pode dever-se ao facto de a maioria da literatura existente incidir em amostras do género masculino (Pinto, 2019).

3. Objetivos e Hipóteses

Embora exista consenso na comunidade científica relativamente à perpetração de VS por ambos os géneros e ao facto de os estudantes universitários constituírem um importante grupo de risco, continuam a ser insuficientes os estudos realizados com amostras universitárias, nomeadamente do género feminino. Os estudos que analisam o papel da psicopatologia, das crenças/mitos sobre VS e das dificuldades de regulação emocional na VS continuam igualmente a ser insuficientes, nomeadamente no que concerne a estudos realizados em contexto universitário. Atualmente, também não existem estudos comparativos entre os géneros masculino e feminino que avaliem o papel destas variáveis na VS, em amostras de estudantes universitários. De modo a colmatar estas lacunas, esta dissertação tem como objetivos investigar, não só a prevalência de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitários de ambos os géneros, mas também diferenças entre homens e mulheres sexualmente agressivos no endosso de sintomas psicopatológicos e de crenças sobre VS, e nas dificuldades de regulação emocional.

Com base na revisão de literatura realizada, foram estabelecidas as seguintes hipóteses de investigação: (1) Os estudantes universitários do género masculino apresentam uma maior prevalência de comportamentos sexualmente agressivos, comparativamente com os do género feminino; (2) Os homens sexualmente agressivos recorrem mais a estratégias de força física do que as mulheres sexualmente agressivas; (3) Não existem diferenças significativas – em função do género - entre estudantes universitários sexualmente agressivos, no que concerne à utilização

de estratégias de coação sexual e de abuso sexual, nem no endosso de sintomas psicopatológicos; (4) Os homens sexualmente agressivos endossam mais crenças/mitos sobre VS do que as mulheres sexualmente agressivas; (5) As mulheres sexualmente agressivas apresentam mais dificuldades de regulação emocional do que os homens sexualmente agressivos.

Metodologia

1. Participantes

Os participantes deste estudo foram estudantes universitários heterossexuais, dos géneros masculino e feminino. A seleção inicial dos participantes obedeceu aos seguintes critérios de exclusão: (1) ter idade inferior a 18 anos, (2) identificar-se com outro género que não o masculino ou feminino, (3) ausência de experiência sexual com o sexo oposto. Seiscentos e sessenta e sete (667) participantes responderam ao protocolo de avaliação. No entanto, três participantes referiram não se identificar com o género masculino ou feminino, 12 não responderam à escala SABS, 48 não tinham experiência sexual e 58 reportaram ser homossexuais. Estes participantes foram excluídos do presente estudo, com a amostra final a ser composta por 546 estudantes universitários, sendo 308 do género feminino (56.4%) e 238 do género masculino (43.6%). Os sujeitos apresentaram idades compreendidas entre os 18 e os 39 anos, não tendo sido observadas diferenças significativas entre homens e mulheres ($t = 1.492, p = .655$), com a média de idades da amostra a fixar-se nos 22.86 anos ($DP = 4.48$).

A maioria dos participantes são solteiros ($n = 493; 90.3\%$) e encontram-se a frequentar uma licenciatura ($n = 453; 83.0\%$). No que diz respeito às habilitações literárias dos participantes, verificou-se a existência de diferenças significativas em função do género ($\chi^2 = 17.450, p < .001$), com as mulheres a apresentarem, de forma global, uma escolaridade superior aos homens. A

média de idades para o início da vida sexual foi 16.92 ($DP = 2.17$), não se verificando a existência de diferenças significativas entre homens ($m = 16.81$; $DP = 2.35$) e mulheres ($m = 17.01$; $DP = 2.04$). No que concerne ao número de parceiros sexuais, atualmente a maioria dos participantes possui um parceiro sexual ($n = 363$; 66.5%). No entanto, é possível observar a existência de diferenças significativas em função do género ($\chi^2 = 33.988$, $p < .001$), com os homens a demonstrarem tendência para ter mais do que uma parceira sexual, enquanto a maioria das mulheres apenas possui um parceiro sexual.

Quadro 1.

Caraterização sociodemográfica da amostra

	<i>Género Masculino</i>		<i>Género Feminino</i>				
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>t</i>	<i>p</i>	<i>Cohen's d</i>
Idade	22.96	4.14	22.79	4.73	.448	.655	.009
Idade 1ª relação	16.81	2.35	17.01	2.04	1.080	.281	.041
	<i>n</i>	<i>%</i>	<i>n</i>	<i>%</i>	χ^2	<i>p</i>	V de Cramer
Estado Civil							
<i>Solteiro(a)</i>	221	92.9	272	88.3			
<i>União de facto</i>	7	2.9	21	6.8			
<i>Casado(a)</i>	7	2.9	11	3.6	4.464	.347	.090
<i>Divorciado(a)</i>	2	.8	3	1.0			
<i>Separado(a)</i>	1	.4	1	.3			
Habilitações							
<i>Licenciatura</i>	214	89.9	239	77.6			
<i>Mestrado</i>	18	7.6	60	19.5	17.450	.001	.179
<i>Doutoramento</i>	2	.8	6	1.9			
<i>Outro</i>	4	1.7	3	1.0			
Nr. de parceiros							
<i>Nenhum</i>	77	32.4	71	23.1			
<i>Um</i>	132	55.5	231	75.0	33.988	<.001	.249
<i>Dois</i>	8	3.4	2	.6			
<i>Múltiplos</i>	21	8.8	4	1.3			

Nota. Nenhum participante era viúvo(a); Múltiplos parceiros = três ou mais parceiros.

2. Instrumentos

2.1. Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos

A *Escala de Comportamentos Sexualmente Agressivos* (SABS; Anderson, 1996; versão portuguesa: Rosa et al., 2021) é um instrumento de autorrelato, composto por 26 itens, que avalia a utilização de três estratégias sexualmente agressivas: coação sexual (quatro itens; e.g., “*quantas vezes tentou ter contacto sexual com um/a homem/mulher ameaçando acabar com a vossa relação?*”), abuso sexual (quatro itens; e.g., “*quantas vezes tentou ter contacto sexual com um/a homem/mulher levando-o/a embebedar-se ou a drogar-se?*”) e força física (três itens; e.g., “*quantas vezes tentou ter contacto sexual com um/a homem/mulher usando algum tipo de força física?*”). Os restantes 14 itens são considerados neutros, referindo-se a situações sexuais consensuais (e.g., “*quantas vezes já teve contacto sexual - carícias, beijos ou relações sexuais - com um/a homem/mulher quando ambos queriam?*”). Os participantes são solicitados a indicar quantas vezes já iniciaram contacto sexual com recurso à estratégia sexual mencionada, através de uma escala dicotómica (0 = *nunca*; 1 = *pelo menos uma vez*).

A versão original do instrumento revelou uma consistência interna aceitável, com um *alpha* de *Cronbach* de .75 (Anderson, 1996). A versão portuguesa apresentou boas características psicométricas, com valores de *Composite Reliability* (CR) superiores a .80 (Rosa et al., 2021). No presente estudo, foram encontrados os seguintes valores de CR: .88 para Coação Sexual, .79 para Abuso Sexual, .95 para Força Física e .95 para o *score* total da escala.

2.2. Inventário de Sintomas Psicopatológicos

O *Inventário de Sintomas Psicopatológicos* (BSI; Derogatis & Spencer, 1982; versão portuguesa: Canavarro, 1999) é um instrumento de autorrelato, composto por 53 itens, que avalia a presença e a intensidade de sintomas psicopatológicos, através de nove dimensões: somatização (sete itens; e.g., “*dores sobre o coração ou no peito*”), obsessões-compulsões (seis

itens; e.g., “*sentir necessidade de verificar várias vezes o que faz*”), sensibilidade interpessoal (quatro itens; e.g., “*sentir-se inferior aos outros*”), depressão (seis itens; e.g., “*sentir-se sozinho mesmo quando se está com mais pessoas*”), ansiedade (seis itens; e.g., “*ter ataques de terror ou pânico*”), hostilidade (cinco itens; e.g., “*aborrecer-se ou irritar-se facilmente*”), ansiedade fóbica (cinco itens; e.g., “*sentir-se mal no meio das multidões como lojas, cinemas ou assembleias*”), ideação paranóide (cinco itens; e.g., “*impressão de que os outros o costumam observar ou falar de si*”) e psicoticismo (cinco itens; e.g., “*ter a impressão que as outras pessoas podem controlar os seus pensamentos*”). Os participantes devem indicar o grau em que cada problema referido já os afetou, através de uma escala de tipo *Likert* variável de 1 (*nunca*) a 5 (*muitas vezes*). As pontuações referentes às nove dimensões são obtidas através da soma dos valores (1-5) obtidos em cada item, devendo o resultado obtido nessa soma ser posteriormente dividido pelo número de itens pertencentes a essa dimensão (Canavarro, 2007).

A versão original do instrumento (Derogatis & Spencer, 1982) apresentou valores de *alpha* de *Cronbach* entre .71 (Psicoticismo) e .85 (Depressão). A versão portuguesa (Canavarro, 1999) apresentou níveis de consistência interna entre .62 (Psicoticismo e Ansiedade fóbica) e .80 (Somatização). Neste estudo, o *score* total do BSI apresentou um valor de consistência interna muito bom ($\alpha = .96$), tendo sido encontrados os seguintes *alphas* de *Cronbach* para os fatores específicos: Somatização ($\alpha = .84$); Obsessões e Compulsões ($\alpha = .78$); Sensibilidade Interpessoal ($\alpha = .72$); Depressão ($\alpha = .88$); Ansiedade ($\alpha = .82$); Hostilidade ($\alpha = .76$); Ansiedade Fóbica ($\alpha = .77$); Ideação Paranóide ($\alpha = .76$); Psicoticismo ($\alpha = .74$).

2.3. Escala de Crenças sobre Violência Sexual

A *Escala de Crenças sobre Violência Sexual* (ECVS; Martins et al., 2012) é um instrumento de autorrelato que avalia o grau de tolerância/aceitação dos sujeitos face à VS. Os 30 itens que a compõem encontram-se distribuídos por cinco fatores: representação

estereotipada da violação (doze itens; e.g., “*forçar o(a) namorado(a) a ter relações sexuais não é violação*”), provocação da vítima (cinco itens; e.g., “*se uma pessoa provoca sexualmente outra, não se pode depois queixar de ter sido violada*”), consentimento da vítima (quatro itens; e.g., “*quando as mulheres dizem não (ao sexo), muitas vezes, querem dizer sim*”), falsa noção de invulnerabilidade pessoal (cinco itens; e.g., “*os agressores são, quase sempre, desconhecidos da vítima*”) e falsas alegações (quatro itens; e.g., “*a maioria das queixas de violação é falsa ou exagerada*”). Os participantes devem indicar o seu nível de concordância com as afirmações referidas, através de uma escala de tipo *Likert* variável de 1 (*discordo totalmente*) a 5 (*concordo totalmente*). A pontuação de cada fator pode ser obtida através da soma de cada item que o compõe, sendo a pontuação total da escala obtida através da soma da pontuação desses fatores. A pontuação total da escala permite avaliar o grau de tolerância/aceitação dos indivíduos face à VS (quanto maior a pontuação, maior o grau de tolerância/aceitação), enquanto as pontuações obtidas em cada fator permitem perceber o tipo de crenças específicas (Martins et al., 2012).

No que concerne às qualidades psicométricas, a ECVS apresenta um *alpha* de *Cronbach* de .91 (Martins et al., 2012). No presente estudo, o *score* total da ECVS apresentou um valor de consistência interna muito bom ($\alpha = .92$), tendo sido encontrados os seguintes *alphas* de *Cronbach* para os fatores específicos: Representação estereotipada da violação ($\alpha = .89$); Provocação da vítima ($\alpha = .72$); Consentimento da vítima ($\alpha = .78$); Falsa noção de invulnerabilidade pessoal ($\alpha = .55$); Falsas alegações ($\alpha = .80$).

2.4. Escala de Dificuldades de Regulação Emocional

A *Escala de Dificuldades de Regulação Emocional* (DERS; Gratz & Roemer, 2004; versão portuguesa: Coutinho et al., 2010) é um instrumento de autorrelato, composto por 36 itens, que avalia dificuldades de regulação emocional. Os seus itens estão divididos em seis

domínios: acesso limitado às estratégias de regulação emocional (sete itens; e.g., “*quando estou em baixo, penso que vou sentir-me assim por muito tempo*”), não aceitação das respostas emocionais (seis itens; e.g., “*quando estou em baixo, sinto-me culpado por me sentir assim*”), falta de consciência emocional (seis itens; e.g., “*presto atenção a como me sinto*”), dificuldades no controlo de impulsos (seis itens; e.g., “*quando estou em baixo, fico fora de controlo*”), dificuldades em agir de acordo com os objetivos (cinco itens; e.g., “*quando estou em baixo, tenho dificuldade em concentrar-me*”) e falta de clareza emocional (cinco itens; e.g., “*não tenho nenhuma ideia de como me sinto*”). Os participantes respondem com recurso a uma escala de tipo *Likert*, variável de 1 (*quase nunca se aplica a mim*) a 5 (*aplica-se quase sempre a mim*). A cotação é realizada através da organização dos 36 itens em 6 categorias (i.e., estratégias, não aceitação, consciência, impulsos, objetivos e clareza) e da soma dos itens.

A versão original do instrumento (Gratz & Roemer, 2004) apresentou um *alpha* de *Cronbach* de .93. A versão portuguesa (Coutinho et al., 2010) apresenta resultados semelhantes, revelando um *alpha* de *Cronbach* de .92. No presente estudo, o *score* total da DERS apresentou um valor de consistência interna muito bom ($\alpha = .93$), tendo sido encontrados os seguintes *alphas* de *Cronbach* para os fatores específicos: Não aceitação da resposta emocional ($\alpha = .88$); Dificuldades em orientar comportamentos para objetivos ($\alpha = .83$); Dificuldades no controlo de impulsos ($\alpha = .85$); Falta de consciência emocional ($\alpha = .73$); Acesso limitado a estratégias de regulação emocional ($\alpha = .87$); Falta de clareza emocional ($\alpha = .85$).

3. Procedimentos de Investigação

Este estudo foi aprovado pela Comissão de Ética e Deontologia da Investigação Científica (CEDIC) da Escola de Psicologia e Ciências da Vida (EPCV) da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT). Os dados foram recolhidos *online* e presencialmente. Para a recolha de dados *online* foi criado, na plataforma *Qualtrics*, um *link* de

acesso ao formulário de Consentimento Informado e ao Protocolo de avaliação, que foi posteriormente divulgado em diversas redes sociais – pessoais e institucionais – com o título “*Como é que os estudantes universitários interagem com o sexo oposto, do ponto de vista sexual?*”. A recolha de dados presencial foi realizada coletivamente, em contexto de sala-de-aula, em várias instituições de Ensino Superior. De modo a salvaguardar possíveis enviesamentos devido à desejabilidade social dos participantes, os objetivos e conteúdos do estudo foram omitidos. Contudo, os participantes foram devidamente informados acerca da natureza intimista do mesmo. A participação no estudo foi de carácter voluntário – não existindo qualquer remuneração -, sendo assegurada a confidencialidade e o uso exclusivo dos dados para fins de investigação.

4. Procedimentos de análise de dados

Os dados foram analisados com o *software* estatístico IBM SPSS v.27. Para comparar os estudantes universitários do género masculino e feminino nas características sociodemográficas foram realizados testes *t* de *student* para amostras independentes (variáveis contínuas) ou testes do qui-quadrado (variáveis dicotómicas), dependendo da natureza dos dados.

Com o intuito de avaliar a prevalência de comportamentos sexualmente agressivos presente na amostra, foi analisada a frequência de respostas aos itens das subescalas da SABS (i.e., coação sexual, abuso sexual e força física). A obtenção de uma pontuação igual a 0 nas subescalas indicou que os participantes nunca recorreram a estratégias sexualmente agressivas na interação com o sexo oposto, enquanto uma pontuação ≥ 1 indicou que esses participantes já haviam recorrido, pelo menos uma vez, a estratégias sexualmente agressivas na interação com o sexo oposto. Assim, a variável correspondente a cada subescala da SABS foi transformada numa nova variável denominada “Grupo”, codificada da seguinte forma: 0 =

participantes não sexualmente agressivos (i.e., pontuação = 0 na escala SABS) e 1 = participantes sexualmente agressivos (i.e., pontuação ≥ 1 na escala SABS). Posteriormente, foram realizados testes do qui-quadrado com as variáveis “Grupo” e “Género”, de modo a verificar se existiam diferenças significativas entre homens e mulheres no recurso a estratégias sexualmente agressivas.

Com o intuito de avaliar diferenças significativas entre os homens sexualmente agressivos e as mulheres sexualmente agressivas nas variáveis dependentes (i.e., sintomas psicopatológicos, crenças sobre violência sexual e dificuldades de regulação emocional) recorreu-se a uma análise da multivariância (MANOVA), tendo a variável “Género” sido introduzida como fator fixo e as variáveis sintomas psicopatológicos, crenças sobre violência sexual e dificuldades de regulação emocional como variáveis dependentes. As comparações múltiplas de médias foram calculadas com ajustamento de *Bonferroni*. A magnitude do efeito foi calculada com recurso ao *partial eta squared* (η^2p), sendo $\eta^2p = .01$ considerado um efeito pequeno, $\eta^2p = .06$ considerado um efeito médio e $\eta^2p = .14$ considerado um efeito elevado (Tabachnick & Fidell, 2013).

Resultados

1. Prevalência de comportamentos sexualmente agressivos

A prevalência global de comportamentos sexualmente agressivos na amostra foi estudada através da análise das pontuações obtidas no *score* total da SABS. Os resultados obtidos demonstraram que 347 (63.6%) dos participantes nunca recorreram a estratégias sexualmente agressivas, enquanto 199 (36.4%) dos participantes demonstraram já ter recorrido - pelo menos uma vez - a este tipo de estratégias, na interação com o sexo oposto. No que concerne aos estudantes universitários que já haviam recorrido a estratégias sexualmente

agressivas, 106 (44.5%) eram do género masculino e 93 (30.2%) do género feminino.

Especificamente, 107 (19.6%) participantes reportaram já ter recorrido à estratégia de Abuso Sexual, 145 (26.6%) reportaram já ter recorrido à estratégia de Coação Sexual e 29 (5.3%) participantes reportaram já ter recorrido à estratégia de Força Física.

Tal como reportado no Quadro 2, foram encontradas diferenças significativas em função do género, no que diz respeito à estratégia de Coação Sexual ($\chi^2 = 25.410$; $p < .001$), com os homens (37.4%) a recorrerem mais a esta estratégia do que as mulheres (18.2%). A mesma tendência de resultado foi encontrada na Força Física ($\chi^2 = 5.989$; $p = .020$), com os homens (8.0%) a recorrerem igualmente mais a esta estratégia do que as mulheres (3.2%). No entanto, apesar de existirem diferenças significativas, o tamanho do efeito para estas diferenças foi pequeno. No que diz respeito ao Abuso Sexual, embora os homens (22.3%) demonstrem recorrer mais a esta estratégia comparativamente às mulheres (17.5%), estas diferenças não são significativas ($\chi^2 = 1.912$, $p = .192$).

Quadro 2.

Prevalência dos comportamentos sexualmente agressivos em função do género

Categorias		Género Masculino		Género Feminino		χ^2	p	V de Cramer
		<i>n</i>	%	<i>n</i>	%			
Estratégias								
Coação Sexual	Não	149	62.6	252	81.8	25.410	<.001	.216
	Sim	89	37.4	56	18.2			
Abuso Sexual	Não	185	77.7	254	82.5	1.912	.192	.059
	Sim	53	22.3	54	17.5			
Força Física	Não	219	92.0	298	96.8	5.989	.020	.105
	Sim	19	8.0	10	3.2			

2. Diferenças entre os géneros nas variáveis dependentes

2.1. Sintomas psicopatológicos

Os resultados da análise multivariada demonstraram que existe um efeito significativo do fator (i.e., género) sobre o compósito de variáveis (i.e., sintomas psicopatológicos) (*Wilk's* $\Lambda = .832$, $F = 4.203$, $p < .001$). Tal como reportado no Quadro 3, a análise univariada revelou diferenças significativas entre os géneros no que diz respeito às variáveis: ideação paranóide; ansiedade fóbica; somatização; sensibilidade interpessoal; ansiedade. A comparação múltipla de médias, através da correção *Bonferroni*, permitiu observar que as mulheres sexualmente agressivas apresentaram pontuações médias mais elevadas nestes sintomas psicopatológicos, comparativamente com os homens sexualmente agressivos. No entanto, de acordo com o *partial eta squared*, as magnitudes dos efeitos encontradas para estas comparações foram pequenas.

Quadro 3.

Análise univariada: diferenças entre os géneros para os sintomas psicopatológicos

	Homens sexualmente agressivos		Mulheres sexualmente agressivas				
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>	η^2_p
Somatização	10.7	3.33	12.5	4.83	9.546	.002	.046
OB	13.8	4.02	14.8	4.26	2.769	.098	.014
SI	7.25	2.68	8.52	3.28	8.966	.003	.044
Depressão	11.9	4.75	13.1	4.65	3.396	.067	.017
Ansiedade	10.4	3.37	13.2	4.53	25.540	<.001	.115
Hostilidade	10.2	3.37	10.9	3.75	2.079	.151	.010
AF	7.19	2.56	9.27	4.02	19.220	<.001	.089
IP	11.3	3.62	12.5	3.70	4.856	.029	.024
Psicoticismo	9.30	3.60	10.2	3.83	2.691	.103	.014

Nota. OB = Obsessões-Compulsões; SI = Sensibilidade Interpessoal; AF = Ansiedade Fóbica; IP =

Ideação Paranóide.

2.2. Crenças sobre Violência Sexual

De acordo com a análise multivariada, verificou-se um efeito significativo do fator (i.e., género) sobre o compósito de variáveis (i.e., crenças sobre violência sexual) ($Wilk's \lambda = .842$, $F = 7.186$, $p < .001$). Tal como reportado no Quadro 4, a análise univariada revelou diferenças significativas entre os géneros no que concerne a todas as variáveis, sendo que a comparação múltipla de médias, através da correção *Bonferroni*, apontou que os homens sexualmente agressivos apresentaram valores médios superiores aos das mulheres sexualmente agressivas. De acordo com o *partial eta squared*, as magnitudes dos efeitos referentes às variáveis “representação estereotipada da violação”, “consentimento da vítima”, “falsa noção de invulnerabilidade pessoal” e “falsas alegações” são moderadas. A magnitude do efeito referente à variável “provocação da vítima” é elevada.

Quadro 4.

Análise univariada: diferenças entre os géneros para as crenças sobre violência sexual

	<i>Homens c/ estratégias sexualmente agressivas</i>		<i>Mulheres c/ estratégias sexualmente agressivas</i>				
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>	η_p^2
RE	18.74	6.68	14.96	5.80	17.910	<.001	.084
PV	10.90	4.55	7.63	3.47	31.687	<.001	.139
CV	9.80	3.52	7.69	3.16	19.536	<.001	.091
FN	7.67	2.77	6.31	2.02	15.149	<.001	.072
FA	9.21	3.09	7.27	3.11	19.328	<.001	.090
Score total	56.32	16.32	43.86	14.36	32.174	<.001	.141

Nota. RE = Representação Estereotipada da Violação; PV = Provocação da Vítima; CV = Consentimento da Vítima; FN = Falsa Noção de Invulnerabilidade Pessoal; FA = Falsas Alegações.

2.3. Dificuldades de Regulação Emocional

Com base na análise multivariada, foi possível observar a existência de um efeito significativo do fator (i.e., género) sobre o compósito de variáveis (i.e., dificuldades de regulação emocional) ($Wilks' \lambda = .845$, $F = 5.889$, $p < .001$). Tal como reportado no Quadro 5, a análise univariada revelou diferenças significativas entre os géneros no que concerne às variáveis: acesso limitado a estratégias de regulação emocional, não aceitação das respostas emocionais, falta de consciência emocional, dificuldades em agir de acordo com os objetivos, e falta de clareza emocional. A comparação múltipla de médias, através da correção *Bonferroni*, indicou que as mulheres sexualmente agressivas apresentaram valores médios superiores aos homens sexualmente agressivos, no que concerne às dificuldades de regulação emocional mencionadas anteriormente – à exceção da variável “falta de consciência emocional”, em que os homens sexualmente agressivos apresentaram valores superiores. De acordo com o *partial eta squared*, as magnitudes dos efeitos referentes às variáveis “acesso limitado a estratégias de regulação emocional”, “não aceitação das respostas emocionais”; “dificuldades em agir de acordo com os objetivos” e “falta de clareza emocional” são baixas. A magnitude do efeito referente à variável “falta de consciência emocional” é moderada.

Quadro 5.

Análise univariada: diferenças entre os géneros para as dificuldades de regulação emocional

	<i>Homens c/ estratégias sexualmente agressivas</i>		<i>Mulheres c/ estratégias sexualmente agressivas</i>				
	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>M</i>	<i>DP</i>	<i>F</i>	<i>p</i>	η^2_p
NA	13.27	5.81	15.31	5.86	6.045	.015	.030
DO	14.56	3.83	15.94	4.07	6.056	.015	.030
DI	13.17	4.66	14.32	4.93	2.873	.092	.014

	<i>Homens c/ estratégias sexualmente agressivas</i>		<i>Mulheres c/ estratégias sexualmente agressivas</i>				
FCo	17.06	4.49	14.47	3.82	18.864	<.001	.087
AL	17.61	5.38	19.54	6.65	5.086	.025	.025
FCl	11.85	3.83	13.16	4.70	4.712	.031	.023
Score total	87.52	18.28	92.74	20.09	3.387	.067	.017

Nota. NA = Não Aceitação da Resposta Emocional; DO = Dificuldades em orientar os comportamentos para Objetivos; DI = Dificuldades no controlo de Impulsos; FCo = Falta de Consciência Emocional; AL = Acesso Limitado a Estratégias de Regulação Emocional; FCl = Falta de Clareza Emocional.

Discussão

Apesar do crescente interesse da comunidade científica pelo estudo da violência sexual (VS) e do consenso relativamente à perpetração da VS por ambos os géneros e ao facto de os estudantes universitários constituírem um importante grupo de risco, continuam a ser escassos os estudos realizados com amostras de estudantes universitários, nomeadamente do género feminino. Além disso, e embora estas variáveis sejam reconhecidas como importantes fatores de risco dinâmicos para a VS, continuam igualmente a ser insuficientes os estudos que analisam o papel da psicopatologia, das crenças/mitos sobre VS e das dificuldades de regulação emocional neste fenómeno. É importante salientar ainda a inexistência de estudos comparativos entre os géneros masculino e feminino, que avaliem o papel destas variáveis na VS em amostras de estudantes universitários. Deste modo, este estudo procurou colmatar estas lacunas, tendo como objetivos investigar, não só a prevalência de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitários de ambos os géneros, mas também diferenças entre homens e mulheres sexualmente agressivos no endosso de sintomas psicopatológicos e de crenças sobre VS, e nas dificuldades de regulação emocional.

No que concerne à prevalência de comportamentos sexualmente agressivos, os resultados obtidos demonstraram que 36.4% dos participantes já recorreram - pelo menos uma vez - a este tipo de estratégias na interação com o sexo oposto, sendo que 44.5% dos participantes sexualmente agressivos eram do género masculino e 30.2% do género feminino. Tal como hipotetizado e apontado por literatura prévia (Tomaszewska & Krahé, 2018), estes dados salientam que os estudantes universitários do género masculino recorrem mais a estratégias sexualmente agressivas do que o género feminino, na interação com o sexo oposto. Além disso, estes resultados demonstram que a VS é um fenómeno prevalente na comunidade universitária, reforçando, assim, a ideia de que os estudantes universitários podem constituir um importante grupo de risco para a VS (Brennan et al., 2019). Não obstante, estes resultados evidenciam ainda que a VS pode ser perpetrada quer pelo género masculino quer pelo género feminino, corroborando a tese de que ambos os géneros podem desempenhar o papel de agressor (Scarduzio et. al, 2017).

No que diz respeito especificamente às estratégias sexualmente agressivas utilizadas, foi possível observar que a Coação Sexual foi a mais prevalente entre ambos os géneros, seguindo-se o Abuso Sexual, com a Força Física a ser a menos utilizada. Tal como demonstrado por estudos anteriores (Carvalho et. al, 2018), estes dados reforçam que os estudantes universitários - independentemente do género - recorrem maioritariamente a estratégias *hands-off*, consideradas formas menos severas de VS. É importante, no entanto, salientar que o presente estudo não avaliou a prevalência da violação (estratégia *hands-on* considerada mais severa) e que as prevalências apresentadas apenas dizem respeito a comportamentos na forma tentada, não sendo possível avaliar se os mesmos foram consumados. As taxas encontradas podem estar relacionadas com a perceção social dos participantes, na medida em que os estudantes universitários poderão percecionar estas estratégias sexualmente agressivas como

sendo uma forma positiva, normativa e/ou não agressiva de iniciar contacto sexual com o sexo oposto (Carvalho & Nobre, 2016; Wegner et. al, 2015).

Os resultados apontaram ainda para a existência de diferenças significativas entre ambos os géneros no que concerne à Coação Sexual e à Força Física, com o género masculino a apresentar uma prevalência superior ao género feminino. O facto de os homens recorrerem mais à Força Física do que as mulheres poderá estar relacionado com diferenças anatómicas existentes entre ambos os géneros, que poderão conferir aos mesmos uma certa vantagem física. Enquanto os resultados referentes ao uso da Força Física se encontram alinhados com a literatura (Bouffard et. al, 2016), o facto de existirem diferenças significativas entre ambos os géneros no que diz respeito à Coação Sexual não está de acordo com a hipótese inicialmente estabelecida. Esta incongruência poderá estar associada ao facto de a investigação existente recorrer a diferentes metodologias para avaliar este constructo, podendo haver variabilidade no que diz respeito à definição de Coação Sexual. No que concerne ao Abuso Sexual, apurou-se que embora os homens recorram mais a esta estratégia, não existem diferenças significativas entre ambos os géneros, o que está em concordância com o hipotetizado neste estudo.

Relativamente à psicopatologia dos indivíduos sexualmente agressivos, embora a literatura prévia aponte para a ausência de diferenças significativas em função do género (Carvalho & Nobre, 2019), foram encontradas diferenças significativas na amostra estudada, com as mulheres sexualmente agressivas a endossarem mais sintomas psicopatológicos do que os homens sexualmente agressivos, apresentando níveis mais elevados de ideação paranóide, ansiedade fóbica, somatização, sensibilidade interpessoal e ansiedade. Estes resultados sugerem que as mulheres sexualmente agressivas de amostras comunitárias apresentam uma especial vulnerabilidade psicopatológica, caracterizada por estados emocionais negativos, que podem desempenhar um papel fulcral no despoletar deste tipo de comportamentos. No entanto, as magnitudes dos efeitos encontrados são pequenas. A divergência observada entre estes

resultados e os dados de investigação prévios poderá estar relacionada com a natureza da amostra, visto que a maioria dos estudos anteriores recorreu a amostras forenses ou do género masculino, e os poucos estudos incidentes no género feminino foram realizados com amostras forenses (Carvalho et. al, 2018; Pinto, 2019). Assim, estes resultados podem indicar que a VS perpetrada por mulheres pertencentes a amostras comunitárias poderá ter subjacentes dinâmicas diferentes, sendo pertinente que estudos futuros procurem aprofundar e esclarecer estas diferenças.

Os resultados demonstraram igualmente a existência de diferenças significativas entre ambos os géneros no que concerne ao endosso de crenças/mitos sobre VS, com os homens sexualmente agressivos a endossarem mais crenças/mitos do que as mulheres sexualmente agressivas, tal como enfatizado por estudos anteriores (Pearson & Barker, 2018). De acordo com estes resultados, os homens sexualmente agressivos aparentam recorrer mais a cognições erróneas, na tentativa de legitimar os seus comportamentos e diminuir os danos causados. Mais concretamente, os resultados indicaram que a magnitude do efeito foi mais elevada na variável “provocação da vítima”, que assenta na ideia de culpabilização da vítima (e.g., a vítima provocou e/ou mereceu ser agredida), que por sua vez está na base dos mitos mais prevalentes associados à vitimação sexual feminina. Este resultado também seria expectável, na medida em que os homens sexualmente agressivos tendem a apresentar dificuldades na interpretação das pistas dadas pelas mulheres, não conseguindo distinguir um comportamento amigável de um comportamento sedutor ou um comportamento assertivo de um comportamento hostil, originando uma interpretação errada das suas reais intenções (de Oliveira, 2016). No entanto, é relevante referir que embora tenha sido utilizado um instrumento “*gender-neutral*” para avaliar as crenças/mitos sobre VS, a escala ECVS não possui itens que avaliem especificamente mitos sobre a VS contra homens. Neste sentido e tendo em conta que o género masculino é tendencialmente visto como agressor e o género feminino como vítima (Budd, 2017),

considera-se pertinente que estudos futuros incluam instrumentos que também permitam avaliar mitos referentes à VS contra homens, com o intuito de perceber se as mulheres sexualmente agressivas apresentariam uma maior prevalência de mitos quando confrontadas com situações relativas a VS cometida contra homens.

Foi ainda possível observar a existência de diferenças significativas entre ambos os géneros no que concerne às dificuldades de regulação emocional, com as mulheres sexualmente agressivas a apresentarem mais dificuldades do que o género masculino, nomeadamente ao nível da não aceitação da resposta emocional, da orientação dos comportamentos para objetivos, do acesso limitado a estratégias de regulação emocional e da falta de clareza emocional. Estes resultados indicam que as mulheres sexualmente agressivas tendem a ter mais dificuldades em compreender e aceitar as suas emoções e em aceder a estratégias eficazes quando estão perante emoções negativas, de modo a orientar os seus comportamentos para objetivos individuais que permitam responder às exigências do ambiente de forma adequada (Veloso et. al, 2011) - o que poderá também estar associado ao facto de estas apresentarem igualmente uma maior prevalência de sintomas psicopatológicos. Embora a investigação incidente no papel das dificuldades de regulação emocional em indivíduos sexualmente agressivos - nomeadamente pertencentes a amostras comunitárias e do género feminino - ainda seja escassa, estes resultados corroboram a hipótese exploratória delineada, sugerindo que as dificuldades de regulação emocional podem desempenhar um papel acrescido nas mulheres sexualmente agressivas. Revela-se, assim, fulcral que estudos futuros procurem compreender o papel das dificuldades de regulação emocional em mulheres sexualmente agressivas, quer de amostras comunitárias quer de amostras forenses.

O presente estudo possui, no entanto, algumas limitações que devem ser tidas em consideração, nomeadamente o facto de não ter sido utilizada nenhuma medida de desejabilidade social, o que poderá ter tido influência direta nos resultados obtidos, na medida

em que todas as escalas utilizadas são de autorrelato, estando fortemente sujeitas a enviesamentos despoletados pela desejabilidade social. Além disso, a escala SABS avalia o recurso a estratégias sexualmente agressivas apenas na forma tentada, não sendo, por isso, possível avaliar se os comportamentos foram ou não consumados. Esta escala também não avalia a frequência dos comportamentos sexualmente agressivos, pelo que não é possível concluir se estamos perante um padrão comportamental ou atos isolados. Neste sentido, é crucial que estudos futuros incluam uma escala de desejabilidade social, assim como uma escala que permita avaliar as estratégias sexualmente agressivas na forma consumada e a frequência desses comportamentos. Importa igualmente salientar que o facto de os dados obtidos se referirem a uma população específica (i.e., estudantes universitários heterossexuais) não permite que os mesmos sejam generalizados para outras populações, pelo que seria pertinente a realização de estudos futuros incidentes em outro tipo de populações - nomeadamente em amostras da comunidade LGBTI+ e em amostras criminais -, de modo a aprofundar o papel que os sintomas psicopatológicos, as crenças/mitos sobre VS e as dificuldades de regulação emocional desempenham na VS. Por fim, há ainda a realçar o facto de o fator “falsa noção de invulnerabilidade pessoal”, pertencente à ECVS, não apresentar um nível de consistência interna aceitável, pelo que os valores referentes ao mesmo devem ser interpretados com cautela.

Apesar destas limitações, este estudo possui diversas potencialidades que importa realçar. Primeiramente, importa salientar que este estudo é, até ao momento e que seja do nosso conhecimento, o único estudo comparativo entre os géneros masculino e feminino, que avalia não só a prevalência de comportamentos sexualmente agressivos, mas também o papel da psicopatologia, das crenças/mitos sobre VS e das dificuldades de regulação emocional na perpetração da VS, numa amostra de estudantes universitários. As elevadas taxas de prevalência de VS encontradas na nossa amostra, reforçam a ideia de que os estudantes universitários podem ser um grupo de risco no que concerne à perpetração de VS. Este estudo permitiu ainda revelar

diferenças significativas existentes entre os géneros masculino e feminino no que diz respeito a fatores de risco para a VS, nomeadamente no sentido de as mulheres sexualmente agressivas endossarem mais sintomas psicopatológicos e dificuldades de regulação emocional, e de os homens sexualmente agressivos endossarem mais crenças legitimadoras da VS. Com base nestes achados, revela-se pertinente o desenvolvimento e implementação de programas de prevenção da VS em contexto universitário, que tenham em conta as especificidades inerentes a cada género, com o intuito de evitar a ocorrência e/ou a escalada de comportamentos sexualmente agressivos nesta população. Deste modo, seria importante que estes programas incluíssem componentes tais como o bem-estar e a saúde mental, a regulação emocional e os mitos sobre VS. Mais concretamente, seria útil que os programas vocacionados especificamente para o género feminino se focassem não só em desconstruir mitos e crenças erróneas acerca da VS e dos papéis de género, mas especialmente em diminuir eventuais vulnerabilidades psicológicas e em dotar estas estudantes com competências eficazes de gestão de *stress* e regulação emocional. Por outro lado, os programas vocacionados especificamente para o género masculino, beneficiariam de uma maior ênfase nas crenças normativas acerca da VS e nos papéis de género, nomeadamente de modo a diminuir a prevalência de crenças baseadas na culpabilização da vítima. Poderia ser igualmente importante a inclusão de uma componente educativa vocacionada para o aumento do conhecimento acerca da questão do consentimento. Numa ótica mais interventiva, os programas deveriam de ter igualmente como foco a promoção da empatia, na medida em que estudos prévios demonstram que este constructo é eficaz na redução da reincidência de comportamentos sexualmente agressivos em estudantes universitários (Bonar et. al, 2020).

Referências

- Abbey, A., Jacques-Tiura, A. J., & LeBreton, J. M. (2011). Risk factors for sexual aggression in young men: An expansion of the confluence model. *Aggressive Behavior*, 37, 450-464. <https://doi.org/10.1002/ab.20399>
- Anderson, A. L., Sample, L. L., & Cain, C. M. (2015). Residency restrictions for sex offenders: Public opinion on appropriate distances. *Criminal Justice Policy Review*, 26(3), 262-277. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0887403413513897>
- Anderson, R. E., Silver, K. E., Ciampaglia, A. M., Vitale, A. M., & Delahanty, D. L. (2019). The frequency of sexual perpetration in college men: A systematic review of reported prevalence rates from 2000 to 2017. *Trauma, Violence, & Abuse*. <https://doi.org/10.1177/1524838019860619152>
- Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (APAV) (2019). Estatísticas APAV: Crimes Sexuais 2013-2018. <http://www.apav.pt/estatisticas>
- Basile, K.C., Smith, S.G., Breiding, M.J., Black, M.C., & Mahendra, R.R. (2014). Sexual Violence Surveillance: Uniform Definitions and Recommended Data Elements. *Version 2.0*. <https://stacks.cdc.gov/view/cdc/26326>
- Berke, D. S., Reidy, D. E., Gentile, B., & Zeichner, A. (2019). Masculine discrepancy stress, emotion-regulation difficulties, and intimate partner violence. *Journal of interpersonal violence*, 34(6), 1163-1182. <https://doi.org/10.1177/0886260516650967>
- Bhochhibhoya, S., Maness, S. B., Cheney, M., & Larson, D. (2019). Risk factors for sexual violence among college students in dating relationships: An ecological approach. *Journal of Interpersonal Violence*. <https://doi.org/10.1177/0886260519835875>
- Black, M. C., Basile, K. C., Breiding, M. J., Smith, S. G., Walters, M. L., Merrick, M. T., & Stevens, M. R. (2011). The National Intimate Partner and Sexual Violence Survey

(NISVS): 2010 summary report. *Centers for Disease Control and Prevention*. https://www.cdc.gov/violenceprevention/pdf/nisvs_report2010-a.pdf

Bonar, E. E., DeGue, S., Abbey, A., Coker, A. L., Lindquist, C. H., McCauley, H. L., & Walton, M. A. (2020). Prevention of sexual violence among college students: Current challenges and future directions. *Journal of American college health*, 1-14. DOI: 10.1080/07448481.2020.1757681

Bouffard, J. A., Bouffard, L. A., & Miller, H. A. (2016). Examining the correlates of women's use of sexual coercion: Proposing an explanatory model. *Journal of interpersonal violence*, 31(13), 2360-2382. <https://doi.org/10.1177/0886260515575609>

Brennan, C. L., Swartout, K. M., Goodnight, B. L., Cook, S. L., Parrott, D. J., Thompson, M. P., Newins, A. R., Barron, S. R. B., Carvalho, J., & Leone, R. M. (2019). Evidence for multiple classes of sexually violent college men. *Psychology of Violence*, 9(1), 48-55. <https://doi.org/10.1037/vio0000179>

Budd, K. M. (2017). Female Sexual Offenders. *Handbook of Behavioral Criminology*, 297-311. https://doi.org/10.1007/978-3-319-61625-4_17

Burt, M. R. (1980). Cultural myths and supports for rape. *Journal of Personality and Social Psychology*, 38(2), 217-230. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.38.2.217>

Campbell, J. C., Sabri, B., Budhathoki, C., Kaufman, M. R., Alhusen, J., & Decker, M. R. (2021). Unwanted sexual acts among university students: Correlates of victimization and perpetration. *Journal of interpersonal violence*, 36(1-2).

Carvalho, J. & Brazão, N. (2021). Women's sexual violence of male intimate partners. In T. K. Schackelford (Ed.), *The SAGE Handbook of Domestic Violence* (pp.241-254) SAGE Publications

Carvalho, J. (2011). *Factores de vulnerabilidade para a agressão sexual*. (Tese de Doutoramento, Universidade de Aveiro). *Não publicada*.

Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2013). Dynamic factors of sexual aggression: The role of affect and impulsiveness. *Criminal Justice and Behavior*, 40, 376-387. <https://doi.org/10.1177/0093854812451682>

Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2016). Psychosexual characteristics of women reporting sexual aggression against men. *Journal of interpersonal violence*, 31(15), 2539-2555. <https://doi.org/10.1177/0886260515579504>

Carvalho, J., & Nobre, P. J. (2019). Five-factor model of personality and sexual aggression. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 63(5), 797-814. <https://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0306624X13481941>

Carvalho, J., Rosa, P. J., & Pereira, B. (2018). Dynamic risk factors characterizing aggressive sexual initiation by female college students. *Journal of interpersonal violence*. <https://doi.org/10.1177/0886260518760010>

Carvalho, J., & Sá, A. (2020). Male college students using sexually aggressive strategies: Findings on the interpersonal relationship profile. *Journal of interpersonal violence*, 35(3-4), 646-661. <https://doi.org/10.1177/0886260516689779>

Cohen, J. (1988). *Statistical power analysis for the behavioral sciences*. New Jersey: Lawrence Erlbaum.

Cortoni, F., & Gannon, T.A. (2016). The Assessment of Female Sexual Offenders. In D.P. Boer (Ed.), *The Wiley Handbook on the Theories, Assessment and Treatment of Sexual Offending*. <https://doi.org/10.1002/9781118574003.wattso046>

Craig, A. N., Peterson, Z. D., Janssen, E., Goodrich, MBA, D., & Heiman, J. R. (2020). The Impact of Sexual Arousal and Emotion Regulation on Men's Sexual Aggression Proclivity. *Journal of interpersonal violence*. <https://doi.org/10.1177/0886260520915544>

de Oliveira, C. (2016). *Compreender o fenómeno da violação: fatores de risco associado à prática da agressão sexual*. (Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de

<https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/88326/2/169145.pdf>

do Nascimento, L. S., de Oliveira, I. G., Santos, T. Q., de Figueiredo, N. M. A., Medeiros, T. D. S. P., & Pinheiro, C. J. B. (2020). Perfil de violência sexual em mulheres: uma revisão integrativa da literatura. *Revista Enfermagem Atual In Derme*, 94(32).

Eisenberg, M. E., Lust, K. A., Hannan, P. J., & Porta, C. (2016). Campus sexual violence resources and emotional health of college women who have experienced sexual assault. *Violence and victims*, 31(2), 274-284.

Fedina, L., Holmes, J. L., & Backes, B. L. (2016). Campus sexual assault: A systematic review of prevalence research from 2000 to 2015. *Trauma, violence, & abuse*, 19(1), 76-93. <https://doi.org/10.1177/1524838016631129>

Francia, C. A., Coolidge, F. L., White, L. A., Segal, D. L., Cahill, B. S., & Estey, A. (2010). Personality disorder profiles in incarcerated male rapists and child molesters. *American Journal of Forensic Psychology*, 28(3), 1-14.

Gannon, T. A., Rose, M. R., & Ward, T. (2008). A descriptive model of the offense process for female sexual offenders. *Sexual Abuse*, 20(3), 352-374. <https://doi.org/10.1177/1079063208322495>

Gross, J.J., & Thompson, R.A. (2014). Emotion regulation: Conceptual foundations. In J.J. Gross (Ed.). *Handbook of emotion regulation*, 3-20.

Javaid, A. (2015). Male Rape Myths: Understanding and Explaining Social Attitudes Surrounding Male Rape. *Masculinities & Social Change*, 4(3), 270-297. <http://dx.doi.org/10.17583/mcs.2015.1579>

Jordan, C. E., Combs, J. L., & Smith, G. T. (2014). An exploration of sexual victimization and academic performance among college women. *Trauma, Violence, & Abuse*, 15(3), 191-200. <https://doi.org/10.1177/1524838014520637>

Krahé, B., Berger, A., Vanwesenbeeck, I., Bianchi, G., Chliaoutakis, J., Fernández-Fuertes, A., & Hellemans, S. (2015). Prevalence and correlates of young people's sexual aggression perpetration and victimisation in 10 European countries: a multi-level analysis. *Culture, Health & Sexuality*, 17(6), 682-699. <https://doi.org/10.1080/13691058.2014.989265>

Krahé, B., Waizenhöfer, E. & Möller, I. (2003). Women's Sexual Aggression Against Men: Prevalence and Predictors. *Sex Roles*, 49, 219–232. <https://doi.org/10.1023/A:1024648106477>

Lafrance Robinson, A., Kosmerly, S., Mansfield-Green, S., & Lafrance, G. (2014). Disordered eating behaviours in an undergraduate sample: associations among gender, body mass index, and difficulties in emotion regulation. *Canadian Journal of Behavioural Science/Revue Canadienne des Sciences du Comportement*, 46, 320–326. <http://dx.doi.org/10.1037/a0031123>.

Martin, S. L., Fisher, B. S., Stoner, M. C., Rizo, C. F., & Wojcik, M. L. (2020). Sexual assault of college students: victimization and perpetration prevalence involving cisgender men, cisgender women and gender minorities. *Journal of American college health*, 1-7. <https://doi.org/10.1080/07448481.2020.1751644>

Martínez-Catena, A., Redondo, S., Frerich, N., & Beech, A. R. (2017). A dynamic risk factors–based typology of sexual offenders. *International journal of offender therapy and comparative criminology*, 61(14), 1623-1647. <https://doi.org/10.1177/0306624X16629399>

Martins, S. (2013). Vitimização e perpetração sexual em jovens adultos: da caracterização da prevalência as atitudes. <http://hdl.handle.net/1822/24405>

Mengo, C., & Black, B. M. (2016). Violence victimization on a college campus: Impact on GPA and school dropout. *Journal of College Student Retention: Research, Theory & Practice*, 18, 234-248. doi:[10.1177/1521025115584750](https://doi.org/10.1177/1521025115584750)

Mota, J. (2020). *A capa negra do amor: A importância do género na percepção da violência sexual nas relações amorosas entre estudantes universitários* (Tese de Mestrado, Universidade de Évora). <http://dspace.uevora.pt/rdpc/handle/10174/27701>

Nolen-Hoeksema, S., & Aldao, A. (2011). Gender and age differences in emotion regulation strategies and their relationship to depressive symptoms. *Personality and individual differences*, 51(6), 704-708. <https://doi.org/10.1016/j.paid.2011.06.012>

Paquette, G., Martin-Storey, A., Bergeron, M., Dion, J., Daigneault, I., Hébert, M., & Castonguay-Khounsombath, S. (2019). Trauma Symptoms Resulting From Sexual Violence Among Undergraduate Students: Differences Across Gender and Sexual Minority Status. *Journal of Interpersonal Violence*, doi:10.1177/0886260519853398

Parratt, K. A., & Pina, A. (2017). From “real rape” to real justice: A systematic review of police officers' rape myth beliefs. *Aggression and violent behavior*, 34, 68-83.

Pearson, J., & Barker, D. (2018). Male rape: what we know, don't know and need to find out - a critical review. *Crime psychology review*, 4(1), 72-94. <https://doi.org/10.1080/23744006.2019.1591757>

Pinto, A. P. (2019). *Psicopatologia, regulação emocional e crenças sobre a violência sexual em mulheres sexualmente agressivas: Um estudo com uma amostra de estudantes universitárias*. (Tese de Mestrado, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias). <https://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/11534>

Putnam, K. M. & Silk, K. R. (2005). Emotion dysregulation and the development of borderline personality disorder. *Development and Psychopathology*, 17, 899-925. <https://doi.org/10.1017/S0954579405050431>

Ramos, P. A. C. (2019). *No que acreditamos e o que fazemos: a violência sexual nas relações amorosas em jovens universitários* (Tese de Mestrado, Universidade de Évora). <http://hdl.handle.net/10174/25398>

Roberton, T., Daffern, M., Bucks, R.S. (2012). Emotion regulation and aggression. *Aggression and Violent Behavior* 17, 72–82. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2011.09.006>

Sá, A. R. (2016). *Dimensões do funcionamento interpessoal numa amostra não-forense de indivíduos sexualmente agressivos*. (Tese de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto). <https://repositorioaberto.up.pt/bitstream/10216/87751/2/166686.pdf>

Savage, M. W., Scarduzio, J. A., Lockwood Harris, K., Carlyle, K. E., & Sheff, S. E. (2017). News stories of intimate partner violence: An experimental examination of participant sex, perpetrator sex, and violence severity on seriousness, sympathy, and punishment preferences. *Health communication*, 32(6), 768-776.

Schuster, I., Krahé, B., Baeza, P. I., & Muñoz-Reyes, J. A. (2016). Sexual aggression victimization and perpetration among male and female college students in Chile. *Frontiers in psychology*, 7, 1354. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2016.01354>

Shorey, R. C., Brasfield, H., Febres, J., & Stuart, G. L. (2011). The association between impulsivity, trait anger, and the perpetration of intimate partner and general violence among women arrested for domestic violence. *Journal of Interpersonal Violence*, 26, 2681-2697. <https://doi.org/10.1177/0886260510388289>

Silk, J. S., Steinberg, L., & Morris, A. S. (2003). Adolescents' emotion regulation in daily life: Links to depressive symptoms and problem behavior. *Child development*, 74(6), 1869-1880. <https://doi.org/10.1046/j.1467-8624.2003.00643.x>

Sinozich, S., & Langton, L. (2014). Rape and sexual assault victimization among college-age females, 1995-2013. <http://www.bjs.gov/content/pub/pdf/rsavcaf9513.pdf>

Steele, B., Martin, M., Yakubovich, A., Humphreys, D. K., & Nye, E. (2020). Risk and Protective Factors for Men's Sexual Violence Against Women at Higher Education Institutions:

A Systematic and Meta-Analytic Review of the Longitudinal Evidence. *Trauma, Violence, & Abuse*.

Stinson, J. D. (2017). Motivators, self-regulation and sexual offending. In Gannon, T. A., Ward, T. (Eds.), *Sexual offending: Cognition, emotion and motivation*, 89-107.

Struckman-Johnson, C., & Struckman-Johnson, D. (1992). Acceptance of male rape myths among college men and women. *Sex Roles*, 27, 85-100.
<https://doi.org/10.1007/BF00290011>

Tabachnick, B., & Fidell, L. (2013). *Using multivariate statistics*. Boston: Pearson.

Tomaszewska, P., & Krahé, B. (2018). Sexual aggression victimization and perpetration among female and male university students in Poland. *Journal of interpersonal violence*, 33(4), 571-594. <https://doi.org/10.1177/0886260515609583>

Trottier, D., Benbouriche, M., & Bonneville, V. (2019). A meta-analysis on the association between rape myth acceptance and sexual coercion perpetration. *The Journal of Sex Research*, 1-8. <https://doi.org/10.1080/00224499.2019.1704677>

Turchik, J. A., & Edwards, K. M. (2012). Myths about male rape: A literature review. *Psychology of Men & Masculinity*, 13(2), 211–226. <https://doi.org/10.1037/a0023207>

Veloso, M., Gouveia, J. P., & Dinis, A. (2011). Estudos de validação com a versão portuguesa da Escala de Dificuldades na Regulação Emocional (EDRE). *Psychologica*, 54, 87-110. https://doi.org/10.14195/1647-8606_54_4

Walfield, S. M. (2018). “Men cannot be raped”: Correlates of male rape myth acceptance. *Journal of interpersonal violence*. <https://doi.org/10.1177/0886260518817777>

World Health Organization. (2014). Violence against women: intimate partner and sexual violence against women: intimate partner and sexual violence have serious short and long term physical, mental and sexual and reproductive health problems for survivors: fact sheet. *World Health Organization*. <https://apps.who.int/i>

Zinzow, H. M., & Thompson, M. (2015). Factors associated with use of verbally coercive, incapacitated, and forcible sexual assault tactics in a longitudinal study of college men. *Aggressive behavior*, 41(1), 34-4